



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/marcas-dagua/>

Marcas D'água: narrativas cotidianas e criações curriculares

Noale Toja[1]

Júlia da Silva Lima[2]

RESUMO: Este ensaio explora a importância da água na formação de singularidades e memórias coletivas através de experiências cotidianas e narrativas ancestrais. Contestando a noção da água como mero recurso, corporificando a ideia de entidade vital e sua profunda conexão com a cultura e a espiritualidade. As marcas d'água simbolizam as cicatrizes e os aprendizados deixados pela presença e ausência da água, modelando a vida cotidiana e as relações humanas, não humanas e mais que humanas. A narrativa destaca a escassez de água como um problema social e político, especialmente na Baixada Fluminense, e reflete sobre a relação entre a crise hídrica, o desmatamento, a privatização e os interesses econômicos. Através da arte e da performance, o ensaio também explora a água como um meio de reconectar com a ancestralidade e evidenciar as feridas coloniais, revelando histórias de mulheres pretas e seus conhecimentos ancestrais. Diante dessas narrativas, surge a questão: como essas relações engendram os currículos da vida? Para esta conversa trazemos Aline Motta, Nego Bispo, Ailton Krenak, Inês Barbosa Oliveira e Gilles Deleuze.

PALAVRAS-CHAVE: Águas. Currículos da vida. Mulheres pretas.

Marcas de agua: narrativas cotidianas y creaciones curriculares

RESUMEN: Este ensayo explora la importancia del agua en la formación de singularidades y memorias colectivas a través de experiencias cotidianas y narrativas ancestrales. Cuestiona la noción del agua como mero recurso, incorporando la idea de entidad vital y su profunda conexión con la cultura y la espiritualidad. Las marcas de agua simbolizan las cicatrices y los aprendizajes



dejados por la presencia y ausencia del agua, modelando la vida cotidiana y las relaciones humanas, no humanas y más que humanas. La narrativa destaca la escasez de agua como un problema social y político, especialmente en la Baixada Fluminense, y reflexiona sobre la relación entre la crisis hídrica, la deforestación, la privatización y los intereses económicos. A través del arte y la performance, el ensayo también explora el agua como un medio para reconectar con la ancestralidad y evidenciar las heridas coloniales, revelando historias de mujeres negras y sus conocimientos ancestrales. Ante estas narrativas, surge la pregunta: ¿cómo estas relaciones engendran los currículos de la vida? Para esta conversación traemos a Aline Motta, Nego Bispo, Ailton Krenak, Inês Barbosa Oliveira y Gilles Deleuze.

PALABRAS CLAVE: Aguas. Currículos de la vida. Mujeres negras.

Eu vi mamãe Oxum na cachoeira
sentada na beira do rio
colhendo lírio, lirulê,
colhendo lírio, lirula,
colhendo lírio
para enfeitar o seu congá.
(Mariene de Castro, 2010) [3]



Marca d'água: Imagem da autora

Marcas d'água, seu contexto

Este ensaio não se trata de uma narrativa autobiográfica, são experiências cotidianas que montam currículos que tratam de intimidades, relações de perto de si, de um outro, ora de dentro, ora de fora. São currículos que se criam em torno do movimento das águas ou da ausência delas, intimidades humanas e não humanas que se orientam pelos gestos das águas ou na falta delas. Por isso marcas, algumas cicatrizadas, outras que se abrem ao se ressecar, e depois se fecham ao se reidratar. Outras que permanecem nas memórias e continuam imprimindo um modo de existir no controle da perda, que se justifica pelo desperdício daquilo que se teve pouco. Um ensaio que entrelaça intimidades ordinárias, comuns àqueles que enfrentam a escassez da água, reféns de descasos oriundos de políticas sórdidas. No entanto, a narrativa vai além da falta: abrange a vastidão das águas que transportaram, sustentaram e emolduraram nossos ancestrais, espelhando e espalhando sua presença em outros continentes.

As marcas d'água que aqui são trazidas não têm interesse em proteger conteúdos confidenciais ou indicar presença nas redes ou identidade de um produto, como propõe a IA, essas marcas só pleiteiam a poética de evidenciar os cotidianos narrados à margem das águas, embora mergulhados nelas.



Águas de Gramacho

Nasci em 1966, no Gramacho, Duque de Caxias, Baixada Fluminense, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Minha infância foi marcada pela falta d'água, desde pequena via minha mãe pegar água na casa de Dona Maria do Poço. Ela se levantava cedo, digo se levantava ao invés de acordava, porque tenho a sensação de que ela nunca dormia; logo cedo organizava os vasilhames, o tanque e as bacias, se munia de dois grandes baldes e ia para o poço, abastecer nossa casa. Dona Maria era filha de Oxum, lembro-me de ir com ela nas cachoeiras cumprir obrigação, num bairro próximo, com uma mata majestosa, naquela época. O projeto de abastecimento de água em Duque de Caxias iniciou nos primeiros anos da década de 1960 [4], junto com o projeto da refinaria de petróleo de Duque de Caxias, a REDUC.

No bairro onde morávamos, uma vez por semana, caía água da Estação de Tratamento de Água do Guandu (ETA Guandu). Nossa casa de aluguel tinha a caixa d'água no quintal do senhorio, que distribuía água para as duas casas. O reservatório de mil litros, com um cano direcionado para nossa casa, ficava um pouco abaixo do meio, com isso a água não durava mais que dois dias para uma família de quatro pessoas, fazendo toda economia possível. Fomos desde sempre tendo que lidar com a escassez de muitas coisas, mas a mais marcante foi a escassez de água.

Nas últimas décadas a questão dos cuidados e da crise hídrica ocupam diferentes cenas nacionais e mundiais. São manifestações em defesa de muitos interesses: acessos, qualidade da água, interesses escusos, mudanças climáticas, desmatamento, corrupção, interesses políticos e econômicos, privatizações, e interesses difusos.

Nessa cadeia de interesses, deflagram-se criações de narrativas, como Deleuze (2005) nos propõe a pensar na “potência do falso”: fabulações que não são necessariamente mentiras, mas criações ficcionais que enredam outras realidades que caem no senso comum, propagando discursos e posturas neoliberais. Assim, vamos vivendo flagelos sociais, culturais e ambientais. Um exemplo flagrante disso é a escassez de água que assolou diversas regiões do Brasil no início de 2025, problema que se intensifica na Baixada Fluminense, região que é de meu interesse nessa narrativa.

No calor escaldante entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, minha mãe de 84 anos, uma mulher preta, migrante de Minas Gerais, neta de avó escravizada, teve novamente que organizar os vasilhames e carregar água para abastecer sua casa. Lançou mão da “ecologia da economia” com uma metodologia de dar inveja a muitos engenheiros econômicos. Foram cálculos precisos



que determinam a quantidade de água, em litros por segundo, que pode ser coletada do ar-condicionado durante um período específico. Essa água foi direcionada para a limpeza de pisos, banheiros e roupas. Como *'praticantepensante'* (Oliveira, 2012) dos cotidianos, esta mulher, com sua experiência de vida, compreendeu o tempo necessário de funcionamento da bomba d'água para suprir o consumo diário, evitando o desperdício pelo *ladrão* e garantindo o abastecimento por pelo menos 15 dias, considerando a água da chuva acumulada na cisterna.

Esta mulher que estudou até o quarto ano primário, estava munida de táticas de manejo que envolvia reaproveitamento e armazenamento de água. No entanto, com toda sua sagacidade, ainda se tornou refém de fraudes de furadores de poço, que se aproveitam da severidade capitalística, da lei da oferta e da procura para superfaturar e vender milagres. Minha mãe não teve sorte, e não dá nem para dizer que sua fé não seja forte, pois qualquer pingo de chuva que cai na cisterna é um sinal de que Deus está com ela. E entre fé de mais e fé de menos, vivenciei o frenesi da rua, entre a falta d'água e as negociações com furadores de poço e contrabandistas de água, que puxam encanamentos de outras localidades para negociar a distribuição com os moradores. Entre lamentos e preces a Santa Luzia e São José Operário, na esperança de que talvez eles façam chover.

Água de poço, de cachoeira, de chuva que se leva nas nuvens

No mesmo período estava em casa, fazendo uso da água de poço. Onde moramos, alguns de nós não aceitam os serviços não prestados pela empresa privada de abastecimento de água. E sentimos junto com o nosso poço, sua dor no esforço em tirar água dos lençóis estagnados pela ausência das chuvas, pelas altas temperaturas, as baixas umidades, os desmatamentos e as queimadas na região na área de amortecimento do Parque Estadual da Serra da Tiririca, Maricá/RJ. Aqui a experiência era entender a vazão do poço durante o tempo de bombeamento da água para o reservatório. A mistura de sentimentos como ansiedade e tristeza tensionavam as relações naquele ambiente. Rogávamos para que a chuva caísse e afastasse a seca, as chamas e a fumaça. Ao mesmo tempo, expressávamos gratidão por aquele poço, por sua força e resiliência, reconhecendo-o como uma entidade que permanecia ali, criando esperança.



Desmatamento e queimada em região do Parque Estadual da Serra da Tiririca/RJ

E no meio a fé, ao refazer as oferendas a Oxum, ao invés de encontrarmos os rios que “volumassem” a cachoeira, morada de Oxum, encontramos lágrimas, pequenos filetes que escorriam das fendas e seguiam seu fragilizado curso. A falta das águas, dos rios e cachoeiras muda a paisagem de uma cultura, escapam os seres não humanos e mais que humanos. E na paisagem muda, qualquer sussurro de gotejamento inunda de crenças de que a entidade ainda está ali. Por isso, deixo-me afetar com Krenak (2023), quando diz:

Para mim, a água é uma entidade, não é um recurso. Quando ouço falar que a água é um recurso natural, falo: ainda não entenderam nada. Ela tem uma função maravilhosa que dispensa nosso senso de utilidade, mesmo que a gente não use nada do corpo da água, ele está fazendo um serviço essencial para o planeta. (Krenak, 2023, s/p) [5].



Pedaço de água. Autoria: Noale Toja

Escapando da noção de utilidade, impregnada pelo capitalismo civilizatório, o serviço que Krenak destaca envolve toda a sabedoria ancestral na manipulação de bens supremos, como a água, para a existência da vida. Na experiência da confluência de Nego Bispo (2023), entendemos essa relação entre cultura e espiritualidade como dois rios que correm juntos, respeitando suas integridades e, ao se encontrarem, cada um se torna, além de si mesmo, o outro.



Coração d'água (Ilha do Combu, Belém do Pará), fev. 2025. Autoria: Noale Toja



Marcas D'água em *A água é uma máquina do tempo...*

No ano de 2021, fui arrebatada pelos trabalhos de Aline Motta, mulher preta, artista plástica. Travessias em águas - rios e mares - que serviram de suporte, molduras, fluidos na busca da ancestralidade (cultura e espiritualidade). Em seu projeto de pesquisa que envolve artes visuais, a artista trata dos apagamentos e memórias que acompanham as travessias atlânticas de pessoas e famílias negras. Ao pesquisar sua árvore genealógica e seu DNA espiritual, Aline não só fez um estudo sobre os processos de colonização e escravização de pessoas pretas subtraídas de diferentes nações da África, como também revelou por meio de fotografias os modos como se constituíam as organizações familiares no pós-colônia.



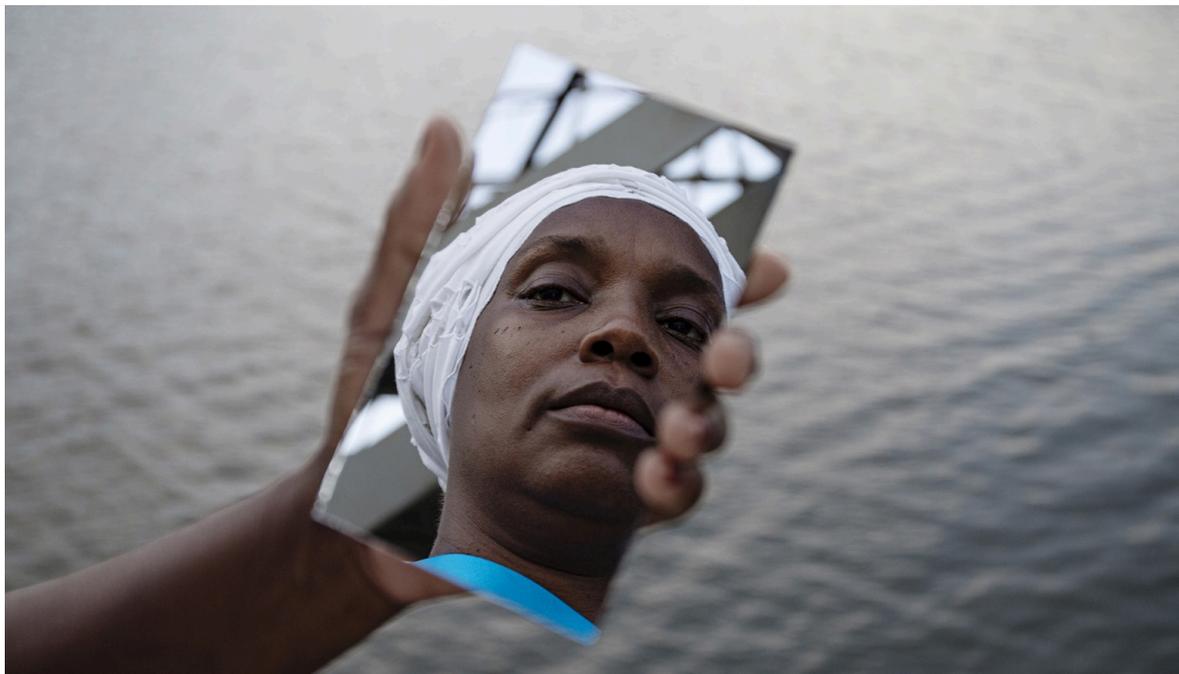
Pontes sobre abismo, 2017, imagem de Aline Motta [6]

A poética do seu trabalho sussurra pelas águas as dores da segregação, da partida e do nascimento. Vestígios da colonização nos modelos familiares, o apagamento, sobretudo das mulheres pretas vítimas de estupros que têm seus filhos sequestrados na casa grande. Ao pesquisar sua história de vida, vai atrás de sua linhagem. Investigando seus antepassados é nítida a linha que separa o branco e a preta, e com a autora diz, “linhagem é linguagem” (Motta, 2021, 333). E assim, Motta concentra suas forças em performar sua avó preta [7], ou em tudo que essa entidade pode vir a apresentar, quando pensa nela como uma divindade na mediação de conflitos na cura da sua comunidade: A performance de uma avó é uma performance coletiva de todas as avós. É a performance de toda uma linhagem de mulheres, que se manifesta em multimeios e multidireções, atuando e enfrentando várias camadas afetivas, por vezes traumáticas. São plurivozes ancestrais. (Motta, 2021, 333).



Pontes sobre abismo, Aline Motta

Encontro-me com Aline neste encantamento pelas águas que brotam das memórias e nos engravidam de sentido ao reconhecer nossa existência ancestral. Navegar entre marés, conhecer por meio das águas as histórias de nossas mulheres que nutrem em suas bolsas d'água experiências de táticas, *'fazeressaberes'*, que quando ganham notoriedade geram *'conhecimentossignificações'* curriculares. Fui entendendo minha existência pelos currículos da vida, pelas águas que não nadei, porque tenho medo de me afogar, pelas águas que contemplei, bebi, cheirei, senti na pele como um banhar, banhar de ervas, águas de cheiro. Cheiro de lírios de Oxum.



Outros Fundamentos #3, 2017-2019. Foto de Aline Motta [8]



marca d'água, volume de vida!

Bibliografia

DELEUZE, Gilles. **Imagem-tempo, cinema 2**. Potências do falso. Tradução de Araujo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p. 155-178.

MOTTA, Aline. A água é uma máquina do tempo. **REDE INTERNACIONAL LYRACOMPOETICS**. eLyra 18, 12/2021: 333-337 – ISSN 2182-8954 | <http://dx.doi.org/10.21747/2182-8954/ely18d1>. Acesso em: 25/03/2025.



OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos e pesquisas com os cotidianos**: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (orgs.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alii, 2012. p. 47-70.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo. Pisenagrama/UBU, 2023.

Primeiro indígena na Academia Brasileira de Letras, Krenak não tem hábito de escrever; entenda. G1, 05/10/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ailton-krenak-primeiro-indigena.ghtml>. Acesso em: 24/03/2025.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/FFP/UERJ), Bolsa FAPERJ nota 10. Email: ffpuerj.noaletoja@gmail.com

[2] Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: jjduarte08@gmail.com

[3] [canção mamae oxum](#).

[4] Correio da manhã 1960-1969, arquivo de notícias do Estado do Rio de Janeiro a respeito da política de abastecimento de água no município de Duque de Caxias, com resultado de quatro ocorrências na busca sobre o assunto água em Duque de Caxias.

https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=9011 ;

https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=21267

[5]Entrevista de Ailton Krenak ao G1 devido à sua posse na academia de letras em 05 de outubro de 2023:

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/10/05/ailton-krenak-primeiro-indigena-na-academia-brasileira-de-letras-nao-tem-habito-de-escrever-entenda.ghtml>

[6] <https://alinemotta.com/>

[7] Performance A água é uma máquina de tempo, Aline Motta:

<https://youtu.be/6StT1mymc2E?si=6Mn0PmcbNOPuEBC1>

[8] <https://ims.com.br/eventos/fotografia-e-memoria-a-agua-e-uma-maquina-do-tempo/>